

CARTA PÚBLICA DA REDE CEGeT DE PESQUISADORES (RCP)

A Rede de Pesquisadores do CEGeT (Centro de Estudos de Geografia do Trabalho), vem à público posicionar-se sobre a divulgação/realização do **I Encontro Nacional de Geografia do Trabalho**, organizado pela UEG/PPGEO/Campus Cora Coralina; AGB/Goiânia; Grupo de Estudo “Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira”/IESA/UFG, realizado entre 16 e 18 de agosto de 2022.

A intervenção pública e acadêmica da **Rede CEGeT de Pesquisadores (RCP)** sempre primou pela diversidade, pelo respeito, pelo afeto, companheirismo e a convicção de que não existem “donos de temas” na ciência, tampouco na Geografia. Ou seja, não há propriedade e reserva de mercado de recortes temáticos ou ainda especialidades prévias e restritas a Grupos de Pesquisa e/ou agentes individuais. Em recente artigo, publicado pela UGI, intitulado “Geografia do Trabalho em Construção: Desafios Teóricos e Práxis de Pesquisa”, o professor Antonio Thomaz Junior, coordenador da **Rede CEGeT de Pesquisadores**, reiterou o entendimento do processo contínuo de contribuição coletiva em *mão dupla* a partir *dos aprendizados* construídos pela Geografia do Trabalho.

Inclui-se ainda a construção coletiva de uma obra que conta com inúmeras contribuições, e, dentre estas citamos, o artigo recente, da lavra de três pesquisadores da RCP, a ser publicado no livro intitulado *Handbook of Labor Geography* que reunirá intervenções de geógrafas e geógrafos sobre o tema Trabalho espalhados por países como Estados Unidos, Brasil, Chile, Hungria, China e Inglaterra. Ou seja, a RCP tem construído um conjunto significativo de pesquisas e intervenções públicas sobre a temática do Trabalho na ciência geográfica que recobre praticamente três décadas de atuação no Brasil.

A realidade social impõe compromissos e responsabilidades em diferentes níveis, suscitando inúmeras questões de pesquisas, o que reverbera, igualmente, em múltiplas possibilidades de respostas. É assim que se constituiu e se consolidou a trajetória de pesquisa e militância por meio da RCP que se espacializa em 17 estados da federação, nas diversas universidades e centros de ensino espalhados no território brasileiro.

Destacadamente, há quase três décadas essa temática ocupa centralidade na compreensão das formas de exploração, subordinação, (des)realização, desterração da classe trabalhadora, entre outros temas. Se não bastasse, esse processo em pleno curso tem possibilitado apreender as contradições e as dinâmicas territoriais dos conflitos de classe, diante da civilização da barbárie do capital. Nesse período decorrido, tem-se agregado às análises científicas, ao debate teórico e público, as redefinições do mundo do trabalho e seus rebatimentos espaciais e na ação política dos sujeitos dos campos e das cidades, por meio dos conceitos construídos, tais como: plasticidade do trabalho; degradação sistêmica

do trabalho; territórios da degradação do trabalho; movimento territorial do trabalho/classe; agrohidronegócio; (Re)Existências, dentre outros.

Em via de consequência, as mudanças nos/dos papéis sociais e político-ideológicos, às quais, contextualizam o movimento territorial da classe trabalhadora permitiram avanços significativos, com vistas a entender os mecanismos reificados do complexo processo guiado pela reprodução do capital, que se edifica, historicamente, por meio da extração/apropriação de trabalho excedente, de mais valia, de subordinação, de sujeição da renda terra, em escala global, em tempos de crise estrutural e sistêmica.

Nosso Coletivo entende e se posiciona crítica e democraticamente diante da formulação “Geografias do Trabalho em uma era de hiper-precarização”, de maneira a discordar do primado da “ocultação da exploração do trabalho”, já que, ao contrário, o que se expõe, frontalmente, na realidade social, é a visibilização dos procedimentos reificados de espoliação, exploração, subordinação e de controle do Trabalho e da Natureza, tendo em vista que, a centralidade do Trabalho não corresponde a sujeitos ocultos. Eles não só existem, mas resistem e (Re)Existem nos territórios e através de suas lutas desafiam a Geografia do Trabalho a desvendar os mecanismos de controle e exploração do capital, bem como das lutas da classe trabalhadora.

As pesquisas têm possibilitado entendimentos e argumentos fundamentados na práxis dialética da negação/afirmação do trabalho, da sua transcendência, com base nas experiências e aprendizados que emergem dos conflitos territoriais da luta de classes Brasil adentro. Os sujeitos reais, homens, mulheres, sejam camponeses ou operários, assalariados em geral, empregados formais ou informais, intermitentes, avulsos ou autônomos, subordinados, plataformizados, dentre outras formas de precarização da vida, são a centralidade da RCP.

É desta complexa trama de relações sociais, de fragmentações, de clivagens, de manipulações intrínsecas à precarização neoliberal do trabalho, no século XXI, que são produzidos os estudos críticos a partir da categoria Trabalho, com as atenções na Totalidade Viva do Trabalho. Uma Geografia calcada nas ações que compõem o tripé estruturante das Universidades Públicas e Institutos Federais (ensino, pesquisa, extensão e cultura), Escolas de Formação, sempre, fundamentados a partir dos sujeitos reais, com os pés no chão, nas cidades, nos campos, e, não somente no *campus*, fortalecendo a práxis emancipatória.

A intensidade das mudanças e contradições perpetradas pela reestruturação produtiva do capital diante do fenômeno da globalização, requer providências teórico-metodológicas em relação aos (re)arranjos da ordem metabólica que adota formas e procedimentos derivados/combinados do taylorismo-fordismo/toyotismo e, mais

recentemente, da flexibilização total e a consumação da degradação sistêmica do trabalho, com a universalização algorítmica, com a Revolução 4.0.

Isso exige compreensão e rigor no método, pois dele deriva a ação política, marcadamente, a partir da obra marxiana num diálogo profícuo, intenso e crítico com autores(as) marxistas, bem como de outras correntes da teoria social crítica.

Assim, discorda-se das narrativas discursivas ancoradas em projetos de poder que acionam estruturas existentes para a satisfação dos egos e vaidades, tão comuns, em tempos de pulverização do conhecimento, esmigalhamento da realidade social e amparo solteiro no carreirismo acadêmico-universitário, ou ainda, como visto no trato coloquial, a prática usual para esses oportunistas: *engordar lattes*.

A isso soma-se os desdobramentos nefastos que a pandemia da COVID-19 impõe à sociedade em geral e aos trabalhadores em particular. O adoecimento social se generaliza e esses carreiristas se colocam como protagonistas de algo que não conhecem e, pior, não possuem substância, pois não possuem pesquisas, tampouco estão abertos ao diálogo para aprender e apreender com as mais diversas vozes da Geografia Brasileira, com respeito e afeto.

Em suma, é da lavra coletiva e das experiências de socialização oferecidas ao debate público, que se efetiva o processo de construção da Geografia do Trabalho. Intervenções na esfera da militância e do diálogo permanente com os movimentos sociais em geral que se fortalecem, em via de mão dupla, os espaços acadêmicos, na escala local/regional, os grupos de estudos, seminários temáticos, socialização dos resultados (publicações, postagens etc.) das orientações, oficinas de formação continuada etc.

Na escala nacional, a RCP se consolidou com a Jornada do Trabalho, evento realizado desde 1999, já na sua XXII edição, e tem multiplicado e socializado entendimentos, resultados das pesquisas e aproximação com as organizações sociais representativas do mundo do trabalho (movimentos sociais, sindicatos, cooperativas, associações, coletivos etc.), das comunidades originárias e tradicionais, instituições públicas protetivas, tais como Ministério Público do Trabalho (MPT), Defensorias Públicas; Centro de Referência de Saúde do Trabalhador (CEREST) etc. Merece destaque também, a título de exemplo, a participação da RCP no GT de Geografia do Trabalho nos ENANPEGE's desde 2007, bem como nos eventos da AGB (Encontros Nacionais e Congressos).

As preocupações com a divulgação dos conhecimentos individuais e coletivos nos têm possibilitado consolidar a Revista Pegada, desde 2000, já na 23ª. Edição, constituindo-se no único veículo de divulgação científica da Geografia do Trabalho com essa especificidade temática para o Brasil e até mesmo em escala mundial, pois não há conhecimento de outro periódico com as mesmas características na ciência geográfica; o Observatório do Trabalho István Mészáros (OTIM) e a Coleção Geografia e Trabalho no

Século XXI, que disponibilizará o 11º Volume em outubro de 2022, sob responsabilidade do Editorial Centelha/RCP. Esse processo se completa por meio da opção em priorizar a socialização de todas essas linhas editoriais junto à *internet*. Destaca-se também, a produção fílmica própria do CEGeT (preferencialmente curtas), e ainda por meio de parcerias com outros Grupos de Pesquisa, como a Plataforma de Grupos de Pesquisa CEETAS (Centro de Estudos de Educação, Trabalho, Ambiente e Saúde) - da qual a RCP está vinculada -, com o filme “Nós Chegamos Primeiro”, produzido com recursos oriundos da FAPESP e Universidade de Strathclyde/Escócia), e disponível no *Youtube*.

A RCP, continuará sua caminhada coletiva e comprometida em buscar respostas às questões concretas e crítico-teóricas com vistas a emancipação do Trabalho, da classe trabalhadora, na sociedade sob hegemonia do capital.

*Todos esses que aí estão
Atravancando meu caminho,
Eles passarão...
Eu passarinho!*

M. Quintana

Presidente Prudente, 18 de agosto de 2022

REDE CEGeT DE PESQUISADORES



Centro de Estudos de Geografia do Trabalho

<http://ceget.fct.unesp.br/>
